CONHECIMENTOS, ATITUDES E PRÁTICAS SOBRE HIV EM ADULTOS DE UM MUNICÍPIO DO PARANÁ

Messias Gomes Lisboa (PIC/UEM), Pedro Augusto Bossonario, Heitor Hortensi Sesnik, Gabriel Pavinati, Lucas Vinícius de Lima, Davi Gomes Sousa, Gabriela Tavares Magnabosco (Orientador). E-mail: gtmagnabosco@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Ciências da Saúde, Enfermagem/Enfermagem de Saúde Pública.

Palavras-chave: HIV; Conhecimentos, Atitudes e Práticas em Saúde; Promoção da Saúde.

RESUMO

Introdução: O HIV permanece como problema de saúde pública, com desafios relacionados aos conhecimentos, atitudes e práticas sexuais. Apesar dos avanços na prevenção, persistem lacunas de ordem individual que dificultam o enfrentamento da epidemia. **Objetivo:** Analisar o conhecimento, as atitudes e as práticas acerca do HIV na população de um município do noroeste do Paraná. **Métodos:** Estudo transversal, realizado com indivíduos com 18 anos ou mais, mediante instrumento previamente adequado por especialistas. Foram analisados aspectos sociodemográficos, conhecimentos, atitudes e práticas relacionados ao HIV e classificados como adequados ou inadequados, enquanto atitudes e práticas foram analisadas por meio da distribuição de frequências das respostas. Os dados foram apresentados mediante estatística descritiva. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer nº 7.821.420). **Resultados:** Participaram 384 indivíduos, dos quais 85,8% apresentaram conhecimento adequado. A média de acertos sobre transmissão foi de 90,4%, com lacuna sobre sexo oral (71,1%), e 20,8% desconheciam o efeito do tratamento na redução da transmissão. Quanto às atitudes e práticas preventivas, 93,8% utilizariam preservativo com novo parceiro, 62,5% não se percebiam em risco de contrair HIV e 92,2% realizariam testagem em serviço público, embora houvesse baixa familiaridade com PrEP e PEP. O estigma foi reconhecido por 97,7% dos participantes, e 96,6% consideraram medo e estigma como barreiras à procura por serviços de saúde. **Conclusões:** Predominou conhecimento adequado e atitudes e práticas favoráveis à prevenção, mas persistem baixa percepção de risco, lacunas sobre prevenção combinada e estigma como barreira aos cuidados, reforçando a necessidade de educação.

INTRODUÇÃO

O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) constitui um desafio na saúde pública. No Brasil, em 2025 foram registradas cerca de 39,2 mil pessoas vivendo com HIV distribuídas heterogeneamente em todo país (Brasil, 2025). O acesso à informação sobre o HIV distribui-se de forma desigual, de modo que os grupos em condições socioeconômicas mais vulneráveis tendem a ter menor acesso à informação qualificada à infecção pelo HIV e, consequentemente, menor capacidade de modificar comportamentos que expõe o sujeito ao vírus (Brasil, 2025). Nesse sentido, o estudo tem o objetivo de analisar o conhecimento, as atitudes e as práticas acerca do HIV na população de um município do noroeste do Paraná.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo transversal, realizado em Maringá, um município de médio porte do estado do Paraná, Brasil. Foram incluídos indivíduos residentes no município com idade igual ou superior a 18 anos. O cálculo amostral foi realizado com base no total da população maringaense e na prevalência esperada de conhecimento adequado de 50%, com margem de erro de 5%, nível de confiança de 95% e acréscimo de 10% para compensação de possíveis perdas ou recusas, sendo 384 o tamanho mínimo da amostra. A coleta de dados ocorreu online, entre fevereiro e maio de 2026, elaborou-se um questionário estruturado, adequado por especialistas e autoaplicável, composto por 37 questões para avaliação de conhecimentos, atitudes e práticas da população sobre o HIV, fundamentando-se no Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Manejo da Infecção pelo HIV em Adultos, publicado pelo Ministério da Saúde do Brasil em 2024.

O instrumento foi organizado em quatro seções: 1) caracterização sociodemográfica e comportamental dos participantes; 2) avaliação dos conhecimentos sobre HIV com respostas verdadeiras ou falsas; 3) atitudes e práticas relacionadas à exposição ao HIV com opções de resposta “concordo”, “discordo” e “não sei”; 4) fontes de informação utilizadas e percepções sobre a temática. A coleta ocorreu entre fevereiro e maio de 2026, de forma online, por meio do questionário disponibilizado pelo *Google Forms* e divulgado em redes sociais, grupos comunitários, canais institucionais e QR code em diferentes pontos de circulação da população. A participação foi condicionada ao aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e anuência do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá, parecer n.°7.821.420 e apreciada de forma favorável pela Comissão Permanente de Avaliação de Projetos da Secretaria de Saúde do município de Maringá. Os dados obtidos foram organizados em planilha de Excel® e analisados por estatística descritiva, na qual o conhecimento foi

classificado segundo os seguintes pontos de corte: inadequado (≤21 pontos ou ≤75% de acerto) e adequado (>21 questões ou >75% de acerto).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram 384 indivíduos, com faixa etária predominante de 18 a 24 anos (69,0%), cisgêneros (91,9%), brancos (74,0%), solteiros ou divorciados (59,6%) e com ensino médio completo (67,7%). A maioria não referiu histórico de IST (86,0%), possuía renda inferior a três salários-mínimos (69,3%) e não era profissional (82,8%) ou estudante da área da saúde (61,2%).

Quanto ao conhecimento sobre HIV, 85,8% dos participantes apresentaram nível adequado. As médias de respostas corretas foram de 90,4% para transmissão, 89,8% para diagnóstico e 84,7% para tratamento. Contudo, 71,1% consideraram que o HIV não é transmitido pelo sexo oral, 62,8% reconheceram a necessidade do uso diário da medicação e a prevenção foi o único domínio com conhecimento inadequado, com média de 72,2%. Individualmente, cinco questões relacionadas ao conhecimento apresentaram resultados inadequados, em contrapartida, questões relacionadas à infecção e transmissão tiveram percentuais próximos da totalidade e questões relacionadas à testagem gratuitas no SUS foram respondidas corretamente por todos os participantes.

Na análise das atitudes e práticas, a maioria dos participantes reconheceu que o medo e o estigma dificultam a procura pelos serviços de saúde para testagem ou tratamento do HIV (371; 96,6%) e o preconceito contra as pessoas que vivem com HIV (375; 97,7%). A maioria faria a testagem em um serviço público (354; 92,2%), usaria preservativo com uma nova parceria sexual (360; 93,8%) e tomaria regularmente medicamentos para prevenir o HIV (263; 68,5%). Em contrapartida, 240 (62,5%) participantes não se percebiam em risco de contrair o HIV e 199 (51,8%) não conversavam com amigos ou familiares sobre sua prevenção.

Embora a maioria dos participantes tenha apresentado conhecimento adequado sobre o HIV, persistiram lacunas relacionadas ao sexo oral, à adesão diária ao tratamento e, principalmente, à prevenção combinada. O resultado pode estar relacionado ao perfil educacional da amostra, visto que a escolaridade favorece o letramento em saúde e o acesso a informações sobre a infecção (Silva et al., 2024). Contudo, o desconhecimento sobre o risco de transmissão pelo sexo oral, ainda que reduzido, e sobre estratégias profiláticas e tratamento como prevenção demonstra que o conhecimento permanece concentrado em métodos tradicionais, especialmente no preservativo (CDC, 2024).

Apesar das atitudes favoráveis à testagem em serviços públicos e ao uso de preservativo com novas parcerias, predominou baixa percepção de risco, indicando que a aceitação das medidas preventivas não corresponde necessariamente ao reconhecimento da própria vulnerabilidade. Esse resultado merece atenção diante do predomínio de adultos jovens, grupo que pode enfrentar barreiras como estigma, preocupação com a confidencialidade e baixa procura por ações preventivas (Galicia

et al., 2026). O reconhecimento do preconceito e do estigma como obstáculos ao acesso, associado à pouca comunicação sobre prevenção com familiares e amigos, evidencia a necessidade de ampliar espaços seguros de diálogo e garantir atendimento acolhedor, sigiloso e livre de discriminação (Fauk et al., 2021).

CONCLUSÕES

O estudo evidenciou conhecimento adequado sobre o HIV, mas com lacunas relacionadas ao sexo oral, tratamento e prevenção combinada. Embora tenham sido observadas atitudes favoráveis à testagem e ao uso de preservativos, persistiram baixa percepção de risco, pouco diálogo sobre prevenção e forte percepção de estigma e preconceito. Assim, os achados reforçam a necessidade de ampliar a educação em saúde, fortalecer a prevenção combinada e qualificar os serviços para um atendimento humanizado, sigiloso e livre de discriminação.

AGRADECIMENTOS

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Vigilância do HIV/aids e Tuberculose (GEPVHAT), vinculado à Universidade Estadual de Maringá, e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento concedido.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. *HIV e Aids*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br. Acesso em: 26 ago. 2026.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). *How HIV spreads*. Atlanta: CDC, 2024. Disponível em: https://www.cdc.gov/hiv/causes/index.html. Acesso em: 26 ago. 2026.

FAUK, N. K.; WARD, P. R.; HAWKE, K.; MWANRI, L. HIV stigma and discrimination: perspectives and personal experiences of healthcare providers in Yogyakarta and Belu, Indonesia. *Frontiers in Medicine*, v. 8, e625787, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.3389/fmed.2021.625787. Acesso em: 26 ago. 2026.

GALICIA, P.; DE YÉBENES, M. G. J.; PASCAU, C.; CUADROS GONZÁLEZ, J.; CARMONA, L.; RAMOS-RINCÓN, J. Barriers and facilitators to HIV and other STI diagnosis in publicly funded primary healthcare systems: a systematic review of qualitative studies. *PLOS ONE*, v. 21, 2026. Disponível em: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0341919. Acesso em: 26 ago. 2026.

SILVA, K. R. O.; FERREIRA, R. C.; COELHO, L. E.; VELOSO, V. G.; GRINSZTEJN, B.; TORRES, T. S.; LUZ, P. M. Knowledge of HIV transmission, prevention strategies

and U=U among adult sexual and gender minorities in Brazil. *Journal of the International AIDS Society*, v. 27, n. 2, e26220, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1002/jia2.26220. Acesso em: 26 ago. 2026.